Saddam Hussein

Conferência Internacional para a

Solidariedade com o Povo Iraquiano

Saddam Hussein

Discurso do presidente Saddam Hussein na Conferência Internacional para a Solidariedade com o Povo Iraquiano

Publicado por:
Dar Al-Ma'mun para tradução e publicação
Baghdad, 1981

PREFÁCIO

De 13 a 16 de Julho de 1981, realizou-se em Bagdad, a convite do Partido Ba'th Árabe Socialista e da Frente Progressista Patriótica e Nacionalista do Iraque, uma Conferência Internacional de Solidariedade com o Iraque contra a agressão sionista.

Estavam presentes na reunião 149 personalidades e delegações, que representavam vários partidos e organizações da Ásia, África, América Latina, Europa e outras partes do mundo.

A conferência ocupou-se da agressão sionista contra o reactor nuclear iraquiano, em 7 de Junho de 1981, e manifestou uma condenação desta agressão a nível mundial.

Abriu a sessão o presidente Saddam Hussein, com um discurso (incluído neste folheto) em que esboçou os aspectos da agressão sionista e a atitude iraquiana e árabe em relação aos planos imperialistas e sionistas de bloquear o curso do progresso técnico-científico na pátria árabe.

O Editor

Irmãos e Amigos;

Daqui vos envio uma saudação de luta e fraternidade. Em meu nome e em nome do povo e do governo do Iraque, gostaria de exprimir o nosso apreço e gratidão pela vossa participação nesta conferência de solidariedade connosco contra a agressão sionista.

Queridos irmãos e amigos da Pátria Árabe e do mundo em geral:

A vossa presença tem um grande e profundo significado para a luta árabe e de todos os povos do mundo contra o imperialismo, o sionismo e o racismo e contra todas as formas de agressão.

O bárbaro ataque levado a efeito contra o reactor nuclear no Iraque pelo governo sionista, em 7 de Junho de 1981, não foi um acto normal de agressão que possamos apenas condenar. E, sim, um acto de agressão muito sério, que constitui uma ameaça não só para a segu-

rança e os interesses básicos do Iraque, mas também para toda a nação Árabe e para os seus legítimos interesses e direitos naturais de liberdade e de progresso.

Inicia igualmente uma séria forma de agressão e expansão em todo o mundo, que contitui um grave precedente nos métodos de agressão e no conceito de segurança adoptados por estados e entidades agressivas. Isto poderia sempre constituir uma séria ameaça para a paz e a segurança internacionais, sob vários pretextos. As forças mundiais do progresso e da paz têm, pois, de fazer uma análise rigorosa desta agressão e de tomar contra ela as atitudes convenientes, necessárias e vigorosas que se impõem.

Esta agressão demonstrou claramente a natureza agressiva e expansionista das entidades sionistas. As potências mundiais tinham suportado esta entidade com base numa grande distorção histórica: a necessidade, por parte dos judeus oprimidos da Europa, duma pátria própria. Apesar de a nação Árabe não ter qualquer responsabilidade por essa opressão – fossem quais fossem a sua realidade, razões e dimensão – as grandes potências fizeram a nação Árabe pagar por ela. Separaram uma parte da terra palestiniana – passível de expansão de acordo com a vontade da entidade sionista – para a instalação do chamado estado de Israel.

Desde a sua fundação até à agressão de 1967, esta entidade fingia falsamente perante o mundo que não desejava senão um reconhecimento da parte dos árabes, e uma vida pacífica dentro das fronteiras daquela parte da Palestina que tinha usurpado e onde tinha instalado o seu estado sionista.

No entanto, a agressão de Junho de 1967 tornou claro, para todos os povos honestos e justos do mundo, que esta entidade não era aquilo que pretendia ou afirmava ser. É, pelo contrário, uma entidade de natureza e objectivos agressivos e expansionistas. Ocupou toda a Palestina, o Sinai no Egipto e as montanhas sírias de Golan. A despeito do acordo dos países cujos territórios foram ocupados pelos sionistas na resolução do Conselho de Segurança (242) – que ofereceu à entidade sionista certas vantagens resultantes da sua agressão – esta entidade recusou-se a adoptar esta resolução. Mantém, desde então, a sua ocupação de toda a Palestina e dos outros territórios àrabes.

Ao longo dos últimos catorze anos, esta entidade estabeleceu uma teoria especial na segurança, que é muito estranha e contra todas as leis e normas internacionalmente reconhecidas.

Lançou uma agressão contra a nação Árabe em Junho de 1967, sob o falso pretexto de que o Egipto e a Siria planeavam atacá-la. Depois da ocupação (dos novos territórios palestinianos e árabes) decidiu estabelecer colónias militares nos territórios recém-ocupados da margem ocidental, Sinai e montanhas de Golan, afirmando que esse era um dos seus direitos para manter a sua segurança.

Há muitos anos já, a entidade sionista tem vindo a agredir o Líbano e as forças de resistência palestinianas, cometendo crimes selvagens contra cidades e aldeias e assassinando mulheres e crianças a pretexto de defenderem a sua segurança.

Depois lançou a sua recente agressão contra o Iraque – que não lhe é adjacente – com base nesta mesma teoria que parece dar aos seus advogados o direito de cometer agressões contra qualquer lugar da pátria Árabe, sob o pretexto de defender a segurança da entidade sionista.

No entanto, não foi só isto que ela fez: em anos recentes – e em particular no ano em curso – esta entidade chegou á mandar matar cientistas árabes e iraquianos em certas capitais da Europa Ocidental. A nação Árabe não teve quaisquer ilusões quanto à natureza e intenções agressivas e expansionistas do ataque sionista. A divisa que os sionistas há muito adoptaram – do Nilo ao Eufrates – exprime claramente a sua verdadeira estratégia. A entidade sionista, de facto, não ficaria satisfeitá com nenhum território em especial. Não definiria as suas fronteiras definitivas, ainda que países vizinhos a reconhecessem dentro de certos limites. O seu objectivo constante é, sem dúvida, a agressão, a expansão, e a imposição de hegemonia e chantagem em toda a região, assim como a repressão da liberdade e do progresso dos seus povos.

Houvesse embora algumas dúvidas a este respeito no passado, a sua política agressiva e expansionista desde a agressão di Junho de 1967 – incluindo a sua última agressão contra o Iraque – dissipou-as todas e confirmou claramente estes factos.

O programa nuclear iraquiano não constituía segredo. Sempre confirmámos que é um programa pacifíco, que faz parte do nosso plano nacional – dentro do Iraque e da pátria Árabe – de desenvolvimento e progresso. Este programa foi submetido a todas as formas legais de inspecção internacional, quer pela Agência Internacional de Energia Atómica (A.I.E.A.) quer pelos estados com quem temos negociado a este respeito. Contudo, o inimigo sionista arrogou-se o direito de destruir este programa, sob o pretexto de que ele poria em perigo a sua segurança, se bem que o mundo inteiro saiba que a entidade sionista produziu armas nucleares. Que significa isto?

Esta política significa que a nação Árabe tem de submeter-se à agressão sionista e de ficar à mercê desta entidade agressiva e expansionista. Deste modo, a entidade sionista ditaria a sua vontade à nação Árabe e impedi-la-ia de viver pacificamente e de realizar os seus legítimos objectivos na liberdade e no progresso.

A destruição do reactor nuclear do Iraque serve de prova da tendência do inimigo sionista para atacar em qualquer lugar e sempre que lhe apeteça – quaisquer

instalações, projecto ou programa em toda a pátria Árabe, sob o pretexto de que estes poriam em perigo a sua segurança. Esta entidade iria ao ponto de arrogar-se o direito de decidir as linhas de progresso e de desenvolvimento da pátria Árabe e de definir as políticas dos seus países.

Esta teoria – a última teoria com tal agressividade na idade moderna – é ainda mais perigosa que o fascismo e o nazismo. Aqueles que fecham os olhos a este facto opõem-se aos princípios e à moralidade. Posso dizer francamente àqueles que aderem abertamente à agressão e à expansão, que encorajam a mais horrenda e perigosa teoria contra toda a humanidade e os seus legítimos direitos na vida, e que – a despeito de todos estes factos – ainda afirmam ser amigos de Israel, digo a todos eles que são amigos do neo-nazismo nas suas mais horriveis formas, que constituem o mais grave perigo para a paz e a segurança no mundo e para a liberdade dos povos.

Posso dizer-vos, amigos, que se os povos europeus tinham razão em combater – por todos os meios e sem olhar ao sacrifício que isso implicava – contra o fascismo e o nazismo, o povo Árabe tem também boas razões para lutar – por todos os meios legítimos e sem olhar ao sacrifício que isso implica – contra o sionismo.

Os princípios da liberdade e da justiça são obviamente indivisíveis. E, ou são sinceramente considera-

dos como um todo – por um Estado ou por uma pessoa – ou são ignorados, caso em que tal pessoa ou Estado ficariam do lado dos inimigos dos povos ou dos oportunistas sem escrúpulos.

A nação Árabe não está a fazer um pedido estranho nem tão-pouco a procurar direitos especiais, de que não disfrutem outras nações livres. Está a lutar pela liberdade, pela soberania e pelo progresso. Quer viver em segurança na sua própria terra e estabelecer relações sãs e igualitárias com os povos do mundo. Tem, portanto, boas razões para lutar por estes objectivos e para definir os seus amigos e os seus inimigos nestas bases justas.

A nação Árabe não é um grupo de gente que se possa render perante a agressão e a chantagem. Pelo contrário, é uma grande nação com longa história e um papel glorioso na construção da história e da civilização do mundo. É a nação que inventou o alfabeto, promulgou a primeira lei do mundo e foi uma das primeiras nações a contribuir criativamente para o pensamento, a cultura, as artes e as ciências humanas. Abraçou as grandes religiões celestes que iluminaram a humanidade. Aqui, na Mesopotâmia, emergiu a primeira civilização da humanidade.

Tal nação nunca pode render-se ou aceitar a escravidão no seu próprio território. A nossa nação apreciou e apoiou a luta mundial contra o fascismo e o nazismo e a

luta dos povos pela sua liberdade e independência. Tem, pois, boas razões para pedir ao mundo que compreenda e apoie as suas justas causas. De outro modo, não é possível pensar numa comunidade humana livre, em que os povos possam cooperar na base de princípios de direito, liberdade e igualdade.

Irmãos e amigos:

A luta da nação Árabe contra a agressão sionista não parará, sejam quais forem a força que alcance a entidade sionista e os graus que atinjam as suas práticas repressivas.

Esta luta continuará até que esta nação restabeleça os seus legítimos direitos e garanta a sua soberania e segurança. Todos aqueles que apostam na rendição da nação Árabe e na sua incapacidade de manter a luta ficarão, sem dúvida, desapontados. O povo Árabe palestiniano, esse povo pequeno e esbulhado, há tanto tempo exposto ao terror sionista, não cedeu durante os últimos quarenta anos. Desafiou igualmente as forças imperialistas que estiveram por trás do sionismo. Este povo pegou em armas e combateu corajosamente, oferecendo milhares de mártires. Assim continuará a proceder até à vitória.

A luta contra o inimigo sionista – que vai continuar e intensificar-se – foi e continuará a ser o principal estímulo das massas árabes, a despeito da fraqueza que possa existir na sua pátria e sem olhar a quaisquer ra-

zões. Assim permanecerá, sejam quais forem as atitudes e políticas adoptadas por este ou aquele governo árabe, quaisquer que sejam as relações que existam entre este e aquele governo árabe.

O Iraque como parte integrante da nação Árabe – não teme a agressão sionista. Muito pelo contrário, esta agressão mais consolida a sua determinação de levar por diante a sua legítima acção. Acredita que é seu dever para consigo próprio e para com toda a nação Árabe pôr todo o seu potencial ao serviço da luta árabe contra a entidade sionista e apoiar o seu irmão, o povo Árabe palestiniano, sob a chefia da Organização para a Libertação da Palestina.

O golpe contra o reactor de Tammuz não deterá o processo de avanço e desenvolvimento do Iraque. Tão pouco neutralizará ou enfraquecerá a sua ânsia de liberdade e de firmeza. De facto, o povo que ontem construiu aquele reactor é perfeitamente capaz de construir mais e de prosseguir na sua rota de liberdade e de progresso.

Amigos:

Dirigi-me à opinião pública internacional em 23 de Junho de 1980 (numa entrevista com uma companhia americana de TV) dizendo que aquele que realmente deseja que a paz e a segurança prevaleçam nesta região tem de ajudar a nação árabe a adquirir uma arma nuclear, porque a entidade sionista tem essa arma.

Os círculos sionistas tentaram iludir a opinião pública internacional, clamando que tal noção significa que o Iraque tentou realmente e continua a tentar a produção de armas nucleares. Eu não disse isso. Se quisesse dizê-lo, tê-lo-ia feito franca e públicamente. Por força da confiança no nosso próprio povo e nos nossos legítimos direitos, nós, no Iraque, não ocultamos a realidade do que fazemos ou desejamos. Mas pretendia chamar a atenção do mundo para o perigo que constitui a posse de armas nucleares por parte da entidade sionista, para a paz e a segurança no Médio Oriente e para a paz e estabilidade no mundo.Queria também exortar o mundo a tomar as medidas necessárias para proteger a nação árabe contra a ameaça nuclear sionista.

A posse duma arma nuclear pela entidade sionista permite-lhe impor hegemonia e chantagem sobre a nação árabe, opor-se à vontade da comunidade internacional, espalhar uma atmosfera de terror e instabilidade nesta região vitalmente importante, à qual estão ligados interesses essenciais e vitais de muitos povos do mundo.

Aqueles que receiam a proliferação de armas nucleares no mundo – e nesta região em particular – têm de tomar todas as medidas necessárias para desarmar esta entidade agressiva e expansionista – que não adere às leis internacionais nem mostra sombra de respeito pela opinião pública internacional – das suas armas nucleares.

Aqueles que permitem à entidade sionista adquirir a arma nuclear, nomeadamente os Estados Unidos e a França, assumem a principal responsabilidade de tal facto – perante o mundo e perante os árabes.

Quanto a guardar silêncio sobre a posse de armas nucleares pela entidade sionista e a levantar dúvidas sobre o direito do Iraque e da nação Árabe a desenvolver um simples programa nuclear pacífico, tal atitude não só é incompatível com os princípios do direito e da justiça, mas também um claro apoio à agressão – o que é obviamente um gesto hostil para com a nação Árabe.

Irmãos e amigos;

A luta contra o sionismo expansionista e agressivo não é uma solução palestiniana ou árabe. É antes uma solução humana. A entidade sionista tem sido, desde a sua fundação, um instrumento para o imperialismo. Através de toda a luta contra o imperialismo e para a liberdade e independência por parte de todos os povos do mundo – Na Ásia, na África e na América Latina – a entidade sionista pôs-se abertamente do lado do imperialismo. Tinha estado contra a independência dos vietnamitas, oferecendo os seus serviços ao imperialismo americano. Estivera igualmente contra a independência dos povos africanos. Está hoje contra os movimentos de libertação e progresso da América Latina, enquanto apoia, ao mesmo tempo, os governos fantoches pró-americanos daquela zona. Esta entidade é hoje a primeira aliada do regime rácista da Africa do Sul.

A nossa luta contra esta entidade é, pois, uma luta humana internacional e não apenas uma luta nacionalista pan-arábica.

Daqui, que seja apenas natural que todas as forças da liberdade, do progresso e da paz no mundo estejam de acordo em condenar o sionismo como um movimento racista e em condenar a entidade sionista e as suas políticas agressivas e expansionistas.

Pela mesma razão se vêem as forças imperialistas internacionais e as suas aliadas favorecer e apoiar a entidade sionista.

Acreditamos profundamente na unidade de luta dos povos pela liberdade, a independência e o progresso. Daqui a posição de princípio do Iraque em apoiar todos os povos que lutam pela liberdade e pela independência e todos os movimentos de libertação do mundo. Com profunda fé e vasta actividade, manteremos esta política de princípios. As ameaças sionistas e as conspirações das forças reaccionárias e imperialistas do mundo não refrearão esta determinação.

Irmãos e amigos:

Gostaria de vos saudar e de vos agradecer a vossa sincera participação nesta conferência, que teve por fim condenar a agressão, a expansão e o racismo, reiterando a esperança de que seja vitoriosa a carreira da liberdade, da justiça e do progresso.

Muito obrigado.

رقم الايداع في المكتبة الوطنية ١٧٨٤ لسنه ١٩٨١
==========
الطبعـــــة البرتغاليـــــة
سها ١٠/٧/

خطاب السيد الرئيس صدام حسين
في المؤتمر العالمي للتضامن مع العراق
المنعقد في بغداد بتاريخ ١٩٨١/٧/١٣

اصدار دار المأمون للترجمة والنشر
وزارة الثقافة والاعلام
بغداد ١٩٨١